



# Dislexia sob o olhar da literatura específica

## Dyslexia from the perspective of specific literature

## Dislexia desde la perspectiva de la literatura específica

Tatiana E.R. Felix\*

Regina M. Freire\*\*

### Resumo

**Introdução:** A dislexia nomeia uma entidade bastante comentada e, ao mesmo tempo, cheia de controvérsias, entre os profissionais que lidam com crianças com dificuldades na aprendizagem da leitura e escrita. Fonoaudiólogos apresentam concepções diferenciadas quando se deparam com crianças que não aprendem a ler e escrever. Para alguns, não há patologia, mas, para outros, a criança disléxica está impedida, pela doença, de aprender como as outras. **Objetivo:** Verificar as inconsistências e incongruências presentes no conceito/definição, na avaliação/diagnóstico e no tratamento/intervenção da dislexia, presentes na literatura específica da Fonoaudiologia. **Material e Método:** Levantamento e resenha da literatura específica sobre a dislexia, em artigos publicados nos anos de 2001 até 2011, em periódicos brasileiros indexados nas bases de dados SciELO e LILACS. Para a busca foram utilizados os descritores: dislexia, aprendizagem, distúrbio de leitura e escrita e disgrafia. O corpus final foi composto por 30 artigos escritos por profissionais da área da Fonoaudiologia. **Resultados:** Foi observado que dos artigos publicados, 25 autores abordaram o conceito da dislexia, 30 abordaram o diagnóstico e apenas 12 abordaram o tratamento. **Conclusão:** Sugere-se que tal cenário seja devido à hegemonia de uma linha de argumentação que tende a apagar as vozes dissonantes e que uma escuta para essas vozes poderia levar a mudanças importantes para a área, de forma a esclarecer e instrumentar adequadamente os professores em relação à Dislexia, desfazendo, efetivamente, as inconsistências e incongruências identificadas.

**Palavras-chave:** dislexia, diagnóstico, terapia, fonoaudiologia.

### Abstract

**Introduction:** The dyslexia entity is a well-commented issue, and at the same time full of controversies, among the health professionals who deal with children with reading and learning difficulties. Speech therapists and educational psychologists have different points of view while facing the dyslexia theme and students who cannot read and learn the same way others do. For some professionals, there is no pathology, but for others, the dyslexic children are prevented, by the illness, to learn like the others do. **Objective:** To investigate the inconsistencies and incongruities in the specific literature about the

\* Mestre em Fonoaudiologia pela PUC-SP. \*\* Doutora pela PUC e Pós-doutora pela USP. Profa. titular do depto. de clínica fonoaudiológica da PUC-SP.





concept/definition, evaluation/diagnosis and the treatment involving Speech Therapy and Educational Psychology private clinics while dealing with dyslexia. **Material and Method:** Research and literature review about dyslexia using articles published from 2001 to 2011 in Brazilian journals indexed in the databases LILACS and SciELO. The keywords used were dyslexia, learning, reading and writing disorder. 30 articles written by speech therapists composed the final corpus. **Results:** 25 out of the 30 articles written by speech therapists presented the concept of the dyslexia, 30 offered the diagnosis and only 12 mentioned the treatment. **Conclusion:** It is suggested that such a scenario is due to the hegemony of a line of argument that tends to overwhelm the voices of dissent and that listens to these voices could lead to important changes in both areas, in order to clarify and teachers in relation to dyslexia, undoing, effectively, the inconsistencies and discrepancies identified.

**Key-words:** dyslexia, diagnosis, therapy, speech and language therapy.

### Resumen

**Introducción:** La dislexia designa a una entidad muy comentada y, al mismo tiempo, llena de controversia entre los profesionales que trabajan con niños con dificultades para aprender a leer y escribir. Los fonoaudiólogos tienen ideas diferentes cuando se enfrentan a los niños que no aprenden a leer y escribir. Para algunos, no hay ninguna patología, pero para otros, el niño disléxico está impedido por la enfermedad de aprender como los demás. **Objetivo:** comprobar las inconsistencias e incongruencias presente en el concepto/definición, en la evaluación/diagnóstico y en el tratamiento /intervención de la dislexia en la literatura específica de Fonoaudiología. **Material e Método:** reconocimiento y revisión de la literatura específica sobre la dislexia en los artículos publicados en los años 2001 a 2011 en periódicos brasileños indexados en las bases de datos LILACS y SciELO. Para la búsqueda fueron usados los descriptores: dislexia, aprendizaje, trastorno de lectura y escritura y disgrafía. El corpus definitivo consistió de 30 artículos escritos por profesionales de Fonoaudiología. **Resultados:** se encontró que de los artículos publicados, 25 autores han abordado el concepto de la dislexia, 30 el diagnóstico y solo 12 abordaron el tratamiento. **Conclusión:** Se sugiere que este escenario se debe a la hegemonía de una línea de argumentación, que tiende a borrar las voces disonantes y que escuchar esas voces podría conducir a cambios importantes para el área, a fin de aclarar y de instrumentar de manera apropiada los profesores en relación a la dislexia, deshaciendo, en efecto, las inconsistencias y discrepancias identificadas.

**Palabras-claves:** dislexia, diagnóstico, terapia, fonoaudiología.





## Introdução

A dislexia é uma formulação difundida e ultrapassa as fronteiras do discurso médico para se oferecer aos educadores, aos pais e até mesmo às crianças, uma interpretação legítima das dificuldades que se apresentam na aquisição da leitura e da escrita<sup>1</sup>.

A mídia e outros meios de comunicação nos informam constantemente que a dislexia incide sobre 10% a 15% da população escolar. Informações como essa levam o professor a supor que em sua sala de aula possam existir pelo menos três ou quatro alunos disléxicos. E, sustentados por esses achados, eles acreditam que são os profissionais responsáveis por identificar esses alunos precocemente<sup>1</sup>.

Para fortalecer ainda mais essa crença, foi aprovado em 15/12/2010, pelo Senado, o projeto de Lei 7081/10, que obriga o Poder Público a manter o programa de diagnóstico e tratamento de Dislexia e Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) para estudante de ensino básico. Além disso, o relator, deputado Gerson Camata (PMDB-ES), recomendou a aprovação da proposta em forma de substitutivo que inclui no programa de identificação precoce dessas doenças, o atendimento educacional especializado para os estudantes portadores de Dislexia e TDAH. De acordo com o texto aprovado, as escolas deverão assegurar a esses alunos recursos pedagógicos e didáticos adequados para a sua aprendizagem. Para tanto, demandam que o atendimento educacional deverá ser oferecido em salas de aula do ensino regular e poderá ser complementado em salas de recursos multifuncionais, caso necessário<sup>2</sup>.

Mas o que mais intriga é o fato de o projeto propor que as escolas garantam aos professores do ensino básico cursos de capacitação para a identificação precoce dos transtornos e para o atendimento educacional adequado. Com isso, concordamos novamente com a colocação de Rubino de que os professores se sentirão mais aptos a fazer um “pré-diagnóstico” de dislexia, “escapando” à responsabilidade de resolver os problemas em sala de aula por encontrarem respaldo para as suas suposições.

A Associação Internacional de Dislexia adota, desde 2003, a seguinte definição de dislexia: “Dislexia é uma incapacidade específica de aprendizagem, de origem neurobiológica. É caracterizada por dificuldades na correção e/ou fluência na

leitura de palavras e por baixa competência leitora e ortográfica. Estas dificuldades resultam de um déficit fonológico, inesperado, em relação às outras capacidades cognitivas e às condições educativas. Secundariamente, podem surgir dificuldades de compreensão leitora, experiência de leitura reduzida que pode impedir o desenvolvimento do vocabulário e dos conhecimentos gerais”.

Diante de um cenário etiológico tão diverso e tão contraditório sobre a dislexia, é preciso todo cuidado antes de conceber e nomear uma criança como portadora de um distúrbio de leitura e escrita. É exatamente por isso que hoje se torna imprescindível compreender o trajeto realizado pela criança para se apropriar da linguagem escrita, bem como os efeitos de práticas discursivas que circundam esse trajeto. Sem este cuidado, corremos o risco de incorrer em generalizações que consideram que qualquer criança, ao apresentar baixa autoestima, pouco interesse, ou “erros” que acompanham o processo de aquisição da escrita, pode ser tida pela própria instituição escolar como incapaz ou impossibilitada<sup>3</sup>.

A partir do exposto, observamos que a dislexia se faz presente em diversas áreas e sua abordagem na totalidade não seria uma tarefa possível. Por esse motivo, optou-se por abordar o tema tal como discutido pela Fonoaudiologia. Uma questão de base — será possível definir o que, de fato, é dislexia? — norteou a revisão documental de estudos realizados no interior da Fonoaudiologia. Para seu desenvolvimento, o texto está organizado de forma a esclarecer como a dislexia é conceituada, como se dá a avaliação/diagnóstico e como a intervenção é estruturada.

## Material e Método

O método utilizado será o de pesquisa bibliográfica. Esse tipo de estudo, como proposto por Luna<sup>4</sup>, possibilita trabalhar com o que já foi publicado na literatura com relação ao tema proposto e, assim, investigar a evolução de um conceito, as lacunas existentes ou mesmo quais os principais entraves teóricos e/ou metodológicos em determinada área.

Como afirmam Marconi e Lakatos<sup>5</sup>, esse tipo de pesquisa, ao colocar o leitor em contato com o que já foi publicado, deve oferecer meios para definir, resolver e explorar áreas onde os problemas ainda não foram suficientemente cristalizados.





## Coleta de dados

### – Critérios de busca

Para esclarecer a metodologia que direcionou tal estudo, cabe dizer que o levantamento da literatura específica acerca da dislexia restringiu-se ao publicado por fonoaudiólogos brasileiros a partir de três aspectos norteadores:

#### 1. Período delimitado

A busca do nosso material toma como referência as produções realizadas entre os anos de 2001 e 2011. Em relação ao período escolhido, justificamos que este corresponde às referências mais recentes.

#### 2. Seleção das Fontes

Os materiais considerados e delimitados como nossa fonte de pesquisa são artigos nacionais publicados na área da fonoaudiologia e indexados nas seguintes bases de dados: SciELO (Scientific Electronic Library Online) e LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde). Artigos que, mesmo tendo sido encontrados a partir dos descritores propostos, se apresentavam fora do contexto de interesse à pesquisa, após terem sido lidos na íntegra, foram descartados.

Dentre as fontes pesquisadas, selecionamos os periódicos científicos nacionais relacionados diretamente ao campo da Fonoaudiologia, a saber: *Revista Distúrbios da Comunicação*, *Revista Pró-Fono*, *Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia*, *Revista CEFAC*. Além desses, *trouxemos os* de outras áreas, que publicaram artigos de Fonoaudiologia: *Revista de Psicopedagogia*, *Interações*, *Jornal de Pediatria*, *Salusvita*, *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Revista Letras*.

#### 3. Procedimentos para análise do material

Em um primeiro momento, foi organizado um panorama das publicações nacionais sobre a dislexia, levando em conta os diferentes tipos de produções presentes no período delimitado. Por meio dos descritores *Dislexia*, *Aprendizagem*, *Distúrbio de Leitura e Escrita* e *Disgrafia* foram selecionados os artigos que se adequavam aos critérios de inclusão da presente revisão.

Na sequência, tais artigos foram analisados e reorganizados, para eliminar possíveis

sobreposições. Assim sendo, dos artigos encontrados na primeira busca, foram descartados os que se sobrepunham ou não faziam referência ao tema da pesquisa. Os artigos restantes foram lidos na íntegra. Desta leitura deduziu-se o *corpus* final, a partir da exigência de buscar aqueles que se propunham a tematizar a dislexia e, a partir disso, foram eleitos apenas os que falavam em dislexia diretamente, restando 30 artigos organizados em quadros por periódicos e anos.

## Resultados

### *Panorama das publicações brasileiras sobre a dislexia*

A Tabela 1 mostra a quantidade de artigos publicados em cada periódico no período de 2001 a 2011. Os resultados indicam que fonoaudiólogos publicam artigos nas revistas de Fonoaudiologia, nas de Psicopedagogia e de Psicologia, na área médica e na Linguística.

Na Tabela 2 podemos verificar a quantidade de artigos publicados em cada ano. Observa-se que as publicações na fonoaudiologia sobre a dislexia cresceram a partir do ano de 2008. O menor número em 2011 não espelha a realidade, pois o levantamento foi finalizado no início daquele ano.

**Tabela 1 – Distribuição do número de artigos publicados nas revistas**

Periódico	N	%
Pró-Fono	8	26,6
Revista CEFAC	5	16,6
Rev. Soc. Bras. Fonoaudiologia	3	10
Revista de Psicopedagogia	7	23,3
Rev. Semestral da Associação Bras. Psico. Escolar	1	3,3
Distúrbios da Comunicação	2	6,6
Jornal de Pediatria	1	3,3
Interações	1	3,3
Salusvita	1	3,3
Revista Letras	1	3,3
<b>Total</b>	<b>30</b>	<b>100</b>

#### 1. Quanto ao conceito de dislexia:

A dislexia aparece caracterizada como um transtorno de leitura e escrita, que interfere no rendimento escolar, deixando-o inferior ao esperado devido ao déficit no componente fonológico



**Tabela 2 – Distribuição do número de artigos nas áreas por ano**

	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011
FONO	0	0	0	3	1	2	2	6	5	10	1

da linguagem<sup>6-24</sup>. Os autores citados partem do suposto de que a dislexia tem origem neurológica, genética ou hereditária.

Para Salgado et al<sup>25</sup>, as principais manifestações presentes na criança com dislexia estão relacionadas aos prejuízos no uso das habilidades linguístico-cognitivas no tocante à leitura, à escrita e ao raciocínio matemático.

Silva<sup>26</sup> apresenta a dislexia como uma dificuldade de aprendizagem caracterizada por problema na linguagem receptiva e expressiva, oral ou escrita.

Deuschle e Cechella<sup>27</sup> acreditam que seja um distúrbio que se caracteriza por um rendimento inferior ao esperado para idade mental, nível sócio-econômico e instrução escolar, e pode afetar os processos de decodificação e compreensão da leitura.

Murphy e Schochat<sup>28</sup> afirmam que inúmeras teorias têm sido elaboradas visando à descoberta da etiologia da dislexia. Em contrapartida, Massi<sup>29</sup> e Guarinello et al<sup>30</sup> salientam que o conceito de dislexia vinculado aos processos de aquisição da escrita é vago e impreciso.

### 2. Quanto ao diagnóstico de dislexia:

Todos os autores apresentaram alguma forma de diagnóstico, enquanto alguns questionaram esses diagnósticos.

Capellini et al<sup>9</sup> procuraram analisar o desempenho em consciência fonológica bem como a memória operacional, leitura e escrita, de crianças disléxicas e seus familiares. Cardoso e Capellini<sup>16</sup>, Fukuda e Capellini<sup>22</sup>, Fadini e Capellini<sup>19, 20</sup>, Refundini et al<sup>18</sup> utilizaram os testes de identificação precoce dos problemas de leitura para verificar crianças com dificuldade. Capellini et al<sup>21</sup> utilizaram o teste de Desempenho Cognitivo-Linguístico, nas versões coletiva e individual, seguido de leitura oral e compreensão de textos que verificassem a leitura de palavras e não-palavras.

Salgado et al<sup>25</sup>, Capellini et al<sup>10</sup>, Germano et al<sup>13</sup>, Germano e Capellini<sup>11</sup>, Salgado e Capellini<sup>12</sup>, Alves et al<sup>17</sup>, Murphy e Schochat<sup>28</sup> utilizaram como teste a prova de Consciência Fonológica

para observarem o desempenho de escolares com dislexia do desenvolvimento.

Capellini et al<sup>14</sup>, Germano et al<sup>15</sup>, Murphy e Schochat<sup>28</sup>, Boscarol et al<sup>23</sup>, Abdo e Murphy<sup>31</sup>, Simões e Schochat<sup>32</sup>, Frota e Pereira<sup>33</sup> utilizaram a avaliação audiológica do processamento auditivo e das habilidades fonológicas para analisar as habilidades auditivas.

Capellini et al<sup>21</sup> utilizaram a avaliação da função motora fina, sensorial e perspectiva, e a análise da escrita, para observar o desempenho de escolares com dislexia.

Mendes et al<sup>24</sup> utilizaram como método avaliativo a leitura de frases, visto que a maioria dos testes se detém na leitura de palavras e alguns outros focalizam a compreensão de textos.

Para Salles e Parente<sup>6</sup>, Schirmer et al<sup>7</sup>, Estill<sup>8</sup>, Deuschle e Cechella<sup>27</sup> e Silva<sup>26</sup>, os profissionais que trabalham com a aprendizagem da leitura e escrita, conscientes da possibilidade de detecção dos sinais preditivos de dislexia, poderão evitar as fraturas nos futuros vínculos com a aprendizagem destas crianças.

Massi<sup>29</sup> (2004), Massi et al<sup>34</sup>, Guarinello et al<sup>30</sup> questionam as formas de avaliação apresentadas pela literatura que desconsideram o aluno como sujeito do processo de apropriação da escrita, que propõem “erros” e “desvios” como efeitos patológicos.

### 3. Quanto ao tratamento da dislexia:

O programa de remediação fonológica foi realizado em escolares que apresentavam dislexia<sup>12,17,21</sup>, sendo também proposto por Cardoso e Capellini<sup>16</sup>.

O treinamento de habilidades fonológicas foi realizado com crianças com dislexia e relatado por Fukuda e Capellini<sup>22</sup>, Fadini e Capellini<sup>19, 20</sup>. Já o programa de treinamento grafema-fonema foi realizado em escolares com dislexia e apresentou eficácia<sup>18</sup>.

Germano e Capellini<sup>11</sup> sugerem um programa de remediação auditivo visual computadorizado. Schirmer et al<sup>7</sup> afirmam que os princípios básicos do trabalho em linguagem escrita com crianças





são: estimular a criança à descoberta e utilização da “lógica” do pensamento na construção de palavras e textos e na representação de fonemas; oferecer oportunidades para a escrita e leitura espontâneas; explorar constantemente as diversas funções da escrita e explicitar as diferenças entre língua falada e língua escrita. Salles e Parente<sup>6</sup> e Silva<sup>26</sup> apontam que é importante uma equipe que desenvolva um trabalho específico e adequado a cada problemática.

## Discussão

Conforme verificado, a maioria dos autores acredita que a dislexia tem origem neurológica, genética ou hereditária<sup>6,7,9-23</sup> e que consiste em um déficit no componente fonológico da linguagem.

Para Salgado et al<sup>25</sup>, as dificuldades de aprendizagem estão nas habilidades linguístico-cognitivas referentes à leitura, à escrita e ao raciocínio matemático. Deuschle e Cechella<sup>27</sup> afirmam que a origem da dislexia se dá através de uma disfunção na região associativa temporo-parieto-occipital do sistema nervoso central com origem durante o desenvolvimento de cérebro, com a presença de más formações corticais e subcorticais originadas no período embrionário. É um distúrbio que se caracteriza pelo rendimento inferior ao esperado para idade mental, nível sócio-econômico e instrução escolar.

Identifica-se, nesse caso, a inconsistência da origem do conceito de dislexia referida pelos autores. O que se observa é que não há uma preocupação em padronizar os conceitos nem de investigar suas origens. A grande demanda de artigos publicados mostrou que os autores não pesquisam os conceitos. Estes começaram a ser descritos ao final do século XIX, e as características encontradas naquela época se disseminaram e continuam presentes até hoje nas pesquisas mais atuais. Essas características foram verificadas por médicos que procuraram entender as crianças que apresentavam dificuldades para ler e escrever. Massi<sup>29</sup> discorda desses conceitos, afirmando que fenômenos surgidos em sujeitos adultos, vítimas de lesões cerebrais, serviram de esteio para determinar uma visão equivocada que toma fatos linguísticos associados ao processo de aprendizagem e ao uso da escrita como sinais de doença. Pautada em um raciocínio clínico tradicional, a medicina supôs que se uma lesão cerebral, em sujeitos adultos, poderia ocasionar dificuldades para ler e escrever, então, dificuldades apresentadas

por crianças que não estão aprendendo a escrita deveriam ser causadas também por danos neurológicos. Nesse sentido, verifica-se as inconsistências das explicações causais que ainda giram em torno do que tem sido chamado dislexia e de sua origem. Rubino<sup>35</sup> afirma que o conceito de dislexia está longe de contar com uma definição e uma caracterização suficientemente precisas.

As características acima apresentadas nos mostram que os conceitos ainda estão enraizados na medicina desde o ano de 1896, quando a primeira definição de dislexia foi elaborada por um médico e que essas concepções permanecem até hoje.

A questão da avaliação na Fonoaudiologia apresenta uma gama de trabalhos que consideram importante a utilização de testes para avaliar o desempenho de sujeitos que apresentam a dislexia. Esses testes: desempenho em consciência fonológica, memória operacional, leitura e escrita<sup>9,27</sup>; nomeação automática rápida<sup>10</sup>; habilidades auditivas e fonológicas<sup>14</sup>; tarefas fonológicas e silábicas<sup>13</sup>; processamento temporal auditivo<sup>23,28,32,33</sup>; habilidades auditivas, metafonológicas e de neuroimagem<sup>15,31</sup>; aspectos prosódicos temporais da leitura<sup>17</sup>; processamento sintático<sup>24</sup>; função motora fina<sup>21</sup>, baseiam-se nas dificuldades e nas características que marcam um sujeito como disléxico. Mas para Massi<sup>29</sup> são descontextualizados e fragmentados, por desconsiderarem as ações dos sujeitos e da própria linguagem, por apresentarem uma noção confusa do que seja a oralidade e a escrita, por ignorarem o texto como manifestação da língua. A autora conclui que tais testes não avaliam a escrita. Para ela, não é possível avaliar a atividade da escrita “fora” da linguagem e distante do sujeito que a manipula.

Com relação às intervenções, a Fonoaudiologia apresentou artigos que mencionavam programas de intervenção em crianças que apresentavam a dislexia. Foram citados: programa de remediação fonológica<sup>12,36</sup>; programa de remediação auditivo-visual computadorizado<sup>11</sup>; programa com a consciência fonológica<sup>16</sup>; treinamento de habilidades fonológicas e correspondência grafema-fonema<sup>18,19,20,22</sup>. Ao realizarem esses procedimentos, os autores concluíram a eficácia dos treinamentos nas habilidades prejudicadas. Em contrapartida, Guarinello et al<sup>30</sup>, embasados em uma visão sociointeracionista e distantes de uma intervenção voltada a tarefas mecânicas, enfatizam que aprender a ler e escrever significa escolher possibilidades, tomar diferentes





decisões e cometer muitos “erros”. Ao permitirem que os aprendizes formulem hipóteses sobre a escrita, tomam uma posição diferenciada da que muitas vezes acontece nas próprias escolas. A atividade conjunta com um adulto que dá significado à escrita e a compreende, sem apontar somente suas “falhas”, fará com que esse sujeito se aproprie dessa modalidade de linguagem, colocando-o como autor de seus textos. Nesse sentido, as autoras enfatizam que o trabalho com a linguagem escrita à luz de uma visão interacional e discursiva de linguagem, é capaz de transformar sujeitos tidos como portadores de uma patologia, em autores e leitores capazes de construir textos com coesão e coerência.

Com essas explicações, foi constatado que os sujeitos chamados de disléxicos são treinados nas habilidades que apresentam a dificuldade e, quando são reavaliados, apresentam uma melhora significativa naquela habilidade.

Para Estienne (2001), as técnicas e os métodos usados no tratamento de crianças consideradas disléxicas são numerosos e muitas vezes divergentes quanto às suas concepções, objetivos e resultados. Segundo a autora, a multiplicidade e a diversidade dos enfoques não traduzem eficácia, mas, em direção contrária, indicam tratamentos instáveis, longos e pouco rigorosos quanto ao controle dos resultados alcançados.

Às tarefas pautadas em práticas tradicionais e organizadas segundo um modelo no qual o “texto” é retomado equivocadamente como um conjunto de frases justapostas caracterizadas pela repetição de elementos, pela inadequação ou ausência de elementos coesivos e, sobretudo, pela falta de relação com práticas discursivas, Kato (1988) responde que o desempenho da criança na leitura pode estar relacionado ao uso de textos simplificados, absolutamente artificiais e pouco significativos.

## Conclusões

Falar sobre a dislexia é cativante, porque se trata de um assunto que gera grandes controvérsias e merece aprofundamento. Foi a partir das incongruências conceituais, avaliativas e de intervenção que as inquietações emergiram. E, de fato, esse trabalho servirá de esteio para sanar algumas dúvidas a respeito do tema, para esclarecer profissionais e leigos sobre o que pode ser a dislexia, para que seu sintoma não seja igualado aos erros que ocorrem durante o processo de aquisição da escrita em

qualquer criança e para que essa confusão não interfira no percurso do próprio sujeito, em sua relação com a escrita e com o outro.

Observamos que alguns autores interpretam o sintoma na escrita como signo, ou seja, desconsideram que o sintoma é apenas sinal que irá ganhar valor após o acompanhamento da criança em um processo avaliativo particular. Crianças que apresentam inversões na escrita, adição de letras, omissão de letras, entre outras particularidades, são, muitas vezes, desconsideradas como sujeitos e rotuladas por seus erros como portadoras de algum problema mais grave.

Como já dito, para alguns profissionais, essas características aparecem em crianças que estão em processo de aquisição da escrita, não sendo consideradas problemáticas. No entanto, muitas vezes, essas características são interpretadas como alteração no componente fonológico e é a partir daí que apresentam como prova os testes avaliativos que comprovam tal inabilidade. Eles se assentam ora em exercícios vinculados aos pré-requisitos para aquisição da escrita, ora em atividades artificiais desenvolvidas em função de uma perspectiva que entende a linguagem com código pronto e acabado.

Qualquer análise da escrita deve ser assentada sobre a própria escrita. E isso não acontece com a maioria dos trabalhos de fonoaudiólogos em que estes afirmam que o déficit no componente fonológico altera a escrita. A partir disso, realizam testes para avaliar essas habilidades e acabam confirmando que as crianças apresentam tal dificuldade.

Ao levantar as pesquisas sobre o tema, constatamos que ainda são bastante escassas, e que a maioria dos artigos publicados, e aqui expostos, segue a mesma linha de raciocínio, ou seja, a do orgânico como causa para atribuir ao componente fonológico um déficit que atinge a escrita e a leitura do sujeito. Poucos são os autores que articulam a dislexia de uma outra forma. Possivelmente, um grande número de publicações e pesquisas em uma determinada vertente acabam influenciando e direcionando as pesquisas que daí se desdobram, em decorrência da evidência e da repercussão.

Os estudos que focalizam a dislexia de origem genética, cerebral ou neurológica são dissonantes entre si e existem divergências de conceitos e métodos avaliativos que acabam sendo questionados por uma parcela pequena de profissionais que não assumem a mesma concepção. De acordo com essa pequena parcela de profissionais que





lidam com essas características como marcas do processo de apropriação da escrita, isso poderá ajudar a resolver os impasses que o dia-dia em uma escola proporciona.

Sugere-se que tal cenário seja devido à hegemonia de uma linha de argumentação que tende a apagar as vozes dissonantes e que uma escuta para essas vozes poderia levar a mudanças importantes de forma a esclarecer e instrumentar adequadamente os professores em relação à Dislexia, desfazendo, efetivamente, as inconsistências e incongruências identificadas.

### Referências Bibliográficas

1. Rubino R. Dislexia, processo de aquisição ou sintoma de escrita? In: Medicalização de crianças e adolescentes. Conflitos silenciados pela redução de questões sociais a doenças de indivíduos. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2011. p. x-y
2. Brasil. Senado Federal. Projeto de Lei 7081/10. Dispõe sobre o diagnóstico e o tratamento da dislexia e transtorno do déficit de atenção com hiperatividade na educação básica [projeto de lei na internet]. Ficha de tramitação de Projetos de Lei e Outras Proposições [acesso em 13 ago 2011]. Disponível em: <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=472404>.
3. Massi GA Dislexia em Questão. São Paulo: Plexus Editora; 2007.
4. Luna SV. Planejamento de pesquisa: Uma Introdução. Elementos para uma análise metodológica. São Paulo: Educ; 2007.
5. Marconi MA, Lakatos EM. Fundamentos de metodologia científica. 6ª ed. São Paulo: Atlas; 2006.
6. Salles JF, Parente MAM. As dislexias de desenvolvimento: aspectos neuropsicológicos e cognitivos. Interações: Estud Pesqui Psicol. jan-jun 2004;9(17):109-32.
7. Schirmer CR, Fontoura DR, Nunes ML. Distúrbios da aquisição da linguagem e da aprendizagem. J Pediatr. 2004;80(2):95-103.
8. Estill CA. O estalo de Vieira à espera da leitura. Psicopedagogia. 2006;23(7):145-51.
9. Capellini SA, Ferreira TL, Salgado CA, Ciasca SM. Desempenho de escolares bons leitores, com dislexia e com déficit de atenção e hiperatividade em nomeação automática rápida. Rev Soc Bras Fonoaudiol. 2007a;12(2):114-9.
10. Capellini SA, Padula NAMR, Santos LCA, Lourenceti MD, Carrenho EH, Ribeiro LA. Desempenho em consciência fonológica, memória operacional, leitura e escrita na dislexia familiar. Pró-fono. 2007b;19(4):374-80.
11. Germano GD, Capellini SA. Eficácia do programa de remediação auditivo-visual computadorizado em escolares com dislexia. Pró-fono. 2008; 20(4):237-42.
12. Salgado CA, Capellini SA. Programa de remediação fonológica em escolares com dislexia do desenvolvimento. Pró-fono. 2008;20(1):31-6.
13. Germano GD, Pinheiro FH, Capellini SA. Desempenho de escolares com dislexia do desenvolvimento em tarefas fonológicas e silábicas. Rev CEFAC. abr-jun 2008;11(2):213-20.
14. Capellini SA, Germano GD, Cardoso ACV. Relação entre habilidades auditivas fonológicas em crianças com dislexia do desenvolvimento. Psicol Esc Educ. 2008;12(1):235-253.
15. Germano GD, Pinheiro FH, Cardoso ACV, Santos LCA, Padula NAMR, Capellini SA. Relação entre achados em neuroimagem, habilidades auditivas e metafonológicas em escolares com dislexia do desenvolvimento. Rev Soc Bras Fonoaudiol. 2009;14(3):315-22.
16. Cardoso RKO, Capellini SA. Eficácia do programa de intervenção com a consciência fonológica em escolares com risco para dislexia. Psicopedagogia. 2009;26(81):396-407.
17. Alves LM, Reis CAC, Pinheiro ÂMV, Capellini SA. Aspectos prosódicos temporais da leitura de escolares com dislexia do desenvolvimento. Rev Soc Bras Fonoaudiol. 2009;14(2):197-204.
18. Refundini DC, Martins MA, Capellini SA. Treinamento da correspondência grafema-fonema em escolares de risco para a dislexia. Psicopedagogia. 2010;27(83):191-201.
19. Fadini CC, Capellini SA. Eficácia do treinamento de habilidades fonológicas em crianças de risco para dislexia. Rev CEFAC. 2010;13(5):856-65.
20. Fadini CC, Capellini SA. Treinamento de habilidades fonológicas em escolares de risco para dislexia. Psicopedagogia. 2011;28(85):3-13..
21. Capellini SA, Coppede AC, Valle TR. Função motora fina de escolares com dislexia, distúrbio e dificuldades de aprendizagem. Pró-fono. 2010b;22(3):201-8.
22. Fukuda MTM, Capellini SA. Treinamento de habilidades fonológicas e correspondência grafema-fonema em crianças de risco para dislexia. Rev CEFAC. 2010;(13)2:227-35.
23. Boscarior M, Guimarães CA, Hage SRV, Cendes F, Guerreiro MM. Processamento temporal auditivo: relação com a dislexia do desenvolvimento e malformação cortical. Pró-fono. out-dez 2010;22(4):537-42.
24. Mendes L, Maia M, Gomes GC. Dislexia e processamento sintático. Psicopedagogia. 2010;27(82):47-58.
25. Salgado CA, Pinheiro A, Sassi AG, Tambaquim MLM, Ciasca SM, Capellini SA. Avaliação fonoaudiológica e neuropsicológica na dislexia do desenvolvimento do tipo mista: relato de caso. Salusvita. 2005;25(1):91-103.
26. Silva SSL. Conhecendo a dislexia e a importância da equipe interdisciplinar no processo de diagnóstico. Psicopedagogia. 2009;26(81):470-5.
27. Deuschle VP, Cechella C. O déficit em consciência fonológica e sua relação com a dislexia: diagnóstico e intervenção. Rev CEFAC. 2008;11(supl 2):194-200.
28. Murphy CFB, Schochat E. Correlações entre leitura, consciência fonológica e processamento temporal auditivo. Pró-fono. jan-mar 2009;21(1):13-18.
29. Massi GA. Dislexia ou processo de aquisição da escrita? Distúrb Comun. dez 2004;16(3):355-69.
30. Guarinello AC, Berberian AP, Santan AP, Massi AP, Rivabem KD, Jacob LCB, Machado MLCA. Dificuldades de aprendizagem da escrita: uma análise de acompanhamentos clínicos dessa modalidade de linguagem. Rev Letras. 2006; 70:247-66.
31. Abdo AGR, Murphy CFB. Habilidades auditivas em crianças com dislexia e transtorno do déficit de atenção e hiperatividade. Pró-fono. 2010;22(1):25-30
32. Simões MB, Schochat E. Transtorno do processamento auditivo (central) em indivíduos com e sem dislexia. Pró-fono. 2010;22(4):521-4.
33. Frota S, Pereira LD. Processamento auditivo: estudo em crianças com distúrbio de leitura e escrita. Psicopedagogia. 2010;27(83):214-22.





34. Massi G, Guarinello AC, Berberian AP, Santana AP, Schemberg S, Souza CHFA. Índicios do processo de apropriação da escrita versus sintomas disléxicos. *Distúrb Comun.* 2008;20(3):327-38.
35. Rubino R. Sobre o conceito de dislexia e seus efeitos no discurso social. *Estilos Clín* [periódico na Internet]. jun 2008 [acesso em 12 set 2012];13(24):84-97. Disponível em [http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-71282008000100007&lng=pt..](http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282008000100007&lng=pt..)
36. Capellini SA, Sampaio MN, Kawata KHS, Padula NAMR, Santos LCA, Lorencetti MD, Smythe, I. Eficácia terapêutica do programa de remediação fonológica em escolares com dislexia do desenvolvimento. *Rev Cefac.* jan-fev 2010a;12(1):27-39.

**Recebido em** outubro/12; **aprovado em** dezembro/12.

**Endereço para correspondência**

Regina Maria Freire

Endereço: Rua Monte Alegre 838, apto. 12 - Belvedere

Bairro Perdizes, CEP 05014-000

São Paulo - SP

**E-mail:** [freireregina@uol.com.br](mailto:freireregina@uol.com.br)

